FOLHETO
Nº 1177 225
DATA 09/12/02

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

DISCURSO DE PARANYMPHO

HUMMANISTAS DE 1936, DO COLLEGIO D. BOSCO, DE MANAOS

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

DISCURSO DE PARANYMPHO

BIBLIOTECA ARTHUR REIS
MANAUS - AMAZONAS

HUMMANISTAS
DE 1936, DO COLLE-
GIO D. BOSCO, DE
M A N A O S

FOLHETO
Nº
CATALOGADO

FOLHETO
Nº 477 ex 5
DATA 09/12/02

Vivemos uma hora de nuvens carregadas. Assasinam-se irmãos na velha Iberia que nos deu o sêr. Conquistam-se terras livres em nome da civilização. Mobilizam-se forças, contra ideologias que podem crear ordem e trabalho, ensanguentando, incendiado, arruinando patrimonios de cultura, negando seculos, imaginando uma comunhão que se nega, que se repelle, que se destroe por si mesma porque é toda ella mentira, perversidade, satanismo, absurdo.

Vivemos uma hora de nuvens carregadas, ao sabor dos choques violentos de programmas, de paixões, de sonhos megalomanicos.

Será que de todo esse fragor de batalha, um mundo novo despontará? Será essa idade nova, que tanto se aguarda, que tanto se annuncia, nascida desses soffrimentos, abalos, experiencias de sangue, de dôres, licções caras, que gerações e mais gerações aprenderam carpindo e padecendo agonias?

Para onde vamos? Na Europa, na America, noutras latitudes?!

Essa mesma interrogação brotou, ha um seculo, dos homens que batalhavam nos conciões, nos pronunciamentos de rua, nas assembléas populares, nas petições, nas justas de imprensa, nos campos da Bahia,

de Pernambuco, Ceará, Piauhy, Maranhão, nas tentativas heroicas de Belém pela independencia do Brasil.

Recordemos um pouco de nossas origens.

Para onde vamos? Uma ou muitas patrias? Brasil ou Brasis? Republica ou Imperio?

O milagre da unidade, que tanto preoccupou os que nos deram a autonomia politica áquelles instantes, foi obra vagarosa, trabalhada sem cessar durante vigilias sem conta. Brasileiros do norte, Brasileiros do sul, homens de todas as idades, profissões e côres, homens rudes pelo trato nos campos, homens illuminados pelo clarão dos livros, da experiencia diaria, da intelligencia e da cultura, soldados sacerdotes, magistrados, commerciantes, — o Brasil num mundo de aspectos — reunidos em Parlamento, no Rio, divididos por principios, por partidarismos, comprehenderam cedo que era preciso manter a unidade. Corram-se as paginas dos Annaes da nossa Primeira Constituinte. Alli se debateram problemas politicos. Alli estavam as vózes que exprimiam, innegavelmente, a vontade collectiva nacional. De quasi toda a collectividade. Porque faltavamos nós do extremo-norte, ao tempo procurando vencer a dominação do brigadeiro José Maria de Moura. Alli, temperamentos combativos, sentimentos pacificos, nos seus sectores, movimentaram razões,

examinaram tendencias, procuraram expressar o genio da nacionalidade que se formava. Não chegaram a realizar a obra que lhe fôra confiada. Borasca politica rompeo os diques trazendo, com a dissolução, com o explodir da Confederação do Equador, as tropelias que perturbam as provincias até o Sete de Abril depois sob as regencias, a grande phase das nossas authenticas experiencias democraticas.

Alli mesmo, porém, houve receios, intensos, de que a unidade se não podesse fixar. Perguntou-se a nós da Amazonia se queriamos participar do Imperio. Era a duvida tremenda. Razoavel, aliás, porque pelo todo physiographico, pelas relações politicas, sociaes e economicas tinhamos vivido sempre uma vida distincta. Fóco autonomo de civilizaão na éra colonial, que nos prendia á comunhão do Imperio? O extremo-sul, ás influencias platinas, todo turbulencias, estaria disposto tambem a permanecer integrado no Brasil? Não tenho amôres pela monarchia. Nasci já sob a Republica. Eduquei-me á republicana. Livre. Solto. Mas sou dos que acreditam que as formulas monarchicas é que mantiveram a unidade, no primeiro acto do drama da independencia.

D. João VI habituou-nos a obedecer ao Rio, á Côrte, ao Rei. Poz fim á comedia de Vice-Reis, que se reduziam, á sombra de titulos pom-

posos, a meros governadores da Capitania do Rio de Janeiro. A Amazonia, até então ligada á Metropole Européa, como que a evoluir ignorando o Brasil, de 1808 em diante passou a receber ordens do Rio, a relacionar-se mais intimamente com o Brasil. Banhou-se em brasilidade. Sentiu e comprehendeu o espirito brasileiro. Só então, realmente sentiu e comprehendeu o espirito brasileiro, integrando-se nelle. Nas coxillas do Rio Grande, a estancia, o reflexo de odios do Velho Mundo nas agitações militares de fronteiras, crearam a separação, entrave á absorpção platina. Fala, religião, complexos ethnicos, clima, potencial economico, tudo que se allega aqui como fundamento da unidade, occorreu tambem na America Hespanhola. O substractum idigena, — azteca, maya, hichn, araucanio, charrua, tolteca, chibcha, aymará, guarany, chalchaqui — aproximado, só aproximado, não deve ter sido factor preponderante dessa desaggregação. Lá como aqui, houve a desassociaão governativa, o localismo administractivo, que preparou ambiente. Lá, a repartição occorreu naturalmente. Bolivar, genial, soldado e estadista, não poude impedir o esphacelamento. Santa Cruz tambem nada conseguiu de positivo.

Aqui, D. João, com aquelle estupendo Linhares, que tinha a consciencia dos problemas humanos e

physiographicos do Brasil, com os seus annos de governo venceu os seculos de retalhamento politico.

Frei Vicente do Salvador, em pleno XVII, falava em Brasis. Bandeirantes do norte e do sul, ampliando o ecumeno portuguez na America, foram como que um primeiro laço de solidariedade. Mas a monarchia de D. João, essa, a meu vêr, é que nos garantiu, á hora da victoria pela nossa soberania, a unidade que depois se foi fortificando, para uma solidariedade integral.

Os episodios no norte e no sul, que sociologos apressados, observadores canalhas exploram para exaltar a these da existencia de permanente conspiração contra a unidade nacional, inventando historias de locomotiva a puxar vagões vazios, a proclamar que desconhecemos, os heroes do sul no norte, os typos marcantes do norte, no sul, o politiquismo doentio, que é grande mal de nossos estadistas, dos de hontem, do Imperio, dos de hoje, das duas Republicas, nada significa essa realidade que tentam panoramizar.

Os phenomenos sociaes não podem ser observados, não podem ser constatados, não podem ser aproveitados nos seus apparentes fundamentos economicos, materiaes. As sociedades humanas, dentro das formulas politicas em que se traçam regras, se policiam, se ajustam ás suas necessidades, movem-se, vibram, desenvolvem-se sob acção eloquente, talvez

mais expressiva que as demais, a do espirito. O homem não é nem pode ser esse animal brutalizado que se engana sob a capa de um polimento que perde o brilho tão facilmente. Não podemos ser essas feras, esses brutos, que theoricos inescrupulosos querem fazer crêr.

As nossas especialissimas condições de povo, preoccupado ainda com certos provincialismos, não podem atemorizar-nos com relação ao amanhã. Os personalismos estataes que observamos numa visada sobre o Brasil, nada significam de inquietar.

Já o Snr. Oswaldo Orico affirmou, cheio de certezas — "O sentimento regional, em que pese as prevenções dos nossos modernos nacionaes-fascistas, é uma tradição historica do Brasil, uma reliquia veneravel do passado, capaz de crear os mais santos enthusiasmos e as mais bellas e nobres legendas".

Em 1934, eu mesmo recordava, a proposito do ensino da historia dos estados nas escolas primarias, referindo-me aos fastos regionaes, que a historia brasileira era composta desses todos, que a primeira vista podem parecer desharmonicos, mas bem comprehendidos como que se completavam.

Tampoucos nos podem atemorizar os queixumes que partem das provincias, por vezes exaltadas deante de certas injustiças, doridas por de-

masias, com que argumentam nas suas reivindicações.

De nós, quanto ha que registrar no nosso activo de gestas pelo Brasil e no nosso passivo de esquecimentos, de desventuras, talvez até de injurias?!

Corramos a vista por sobre o quadro de nossos três seculos. Quanta heroicidade ha nas attitudes de nossos homens, creando a Amazonia, contra a cubiça de francezes, de inglezes, de hollandezes, de hespanhoes, bolivianos, peruanos, vencendo, pela hinterlandia, os mysterios do meio geographico! E no emtanto, que se refere, dos compendios officiaes de ensino ás obras maximas que nos definem como povo, sobre toda essa actuação! Abram-se esses livros, examinem-se os programmas e nelles não se encontra um passo, um lance de nossos ascendentes. Para o geral, somos um trecho extranho, sem historia, sem credenciaes para ingressar no painel grandioso da formação brasileira. Para o Snr. Oliveira Vianna, o sociologo eminentissimo da "Evolução do Povo Brasileiro", a incorporação da Amazonia não se processou serenamente, em verdadeiro amôr de brancos e nativos, sem o entrechoque das armas, sem uma sortida digna de referencias?! E essa affirmativa facil não é tão errada?!

Na ordem economico-financeira, de par com o indiferentismo com que nos maltratam, não cessam na con-

clusão falsa, mentirosa, de que a epopéa, o cyclo do ouro negro nenhuma expressão deu á vitalidade economica do Brasil. O problema economico da Amazonia não o querem vêr nacional, esquecidos do quanto elle significou no norte, para impedir certas crises nas finanças nacionaes.

Não é de hontem a recusa, pela Constituinte, em reconhecer nacional no texto da Carta Magna, como reconheceu o problema das seccas nordestina, o da colonização da Amazonia e consequente amparo á sua economia? Acaso as razões admiravelmente propostas pelo espirito de élite desse gigantesco bahiano que é o Snr. Arthur Neiva, apenas offereciam á contemplação dos representantes da soberania popular roupagens literarias?!

Quando encontramos, a nosso respeito, paginas como as de Pedro Calmon, Helio Vianna e José Maria Bello, explode a nossa admiração, o nosso espanto.

Nas considerações de Calmon, "entre 1901 e 1912, para 2 milhões e 282 mil contos de café, vendemos borracha na importancia de 2 milhões e 736 mil contos! Não levara á reflexão, a estatistica? Não surprehenderá que uma região que dá ao paiz esses numeros alentadores não tenha o seu problema maximo considerado como nacional?

No conceito equilibrado de Maria

Bello, evidenciando-se um deferimento no pleito em que justamos pelo direito de nos darem, na comunhão nacional, o nosso legitimo logar, ha um complemento natural ás referencias do historiador baihano.

Na apreciação de nosso valor ethnico, tampouco dão de nós. Contemplativos, incapazes, vencidos, asseguram, em que contribuimos para a creação do typo-padrão?

Para nos darem a autonomia que reconheceram facilmente ás demais unidades politicas, esperamos trinta e dois annos!... O projecto que nos garantia essa aspiração levou vinte e quatro annos transitando no Parlamento Nacional! Nunca, porém, nos levantamos contra a unidade. A Cabanagem, cujo centenario está decorrrendo num silencio de morte, explosão de odios, contra um mal estar social de raizes seculares, o unico movimento de massa de quantos sacudiram o Brasil, não degenerou, como podia, pelo ambiente geophysico, pelas facilidades que surgiram, numa sortida contra a unidade.

Angelin, honesto, bravo, generoso, immenso mesmo, repellindo as seduções inglezas para o separativismo, riscou um flagrante da brasilidade da hora, da gente que o acompanhava, da Amazonia que lhe obdecia. E no emtanto, onde se inscreveu, numa homengaem a nós, o feito do cabano?

Para o Brasil, na incorporação do

Acre, que desbravamos estoicamente, perdemos cem mil vidas. Gastamos, talvez, cinco milheiros de contos de réis, nas campanhas militares contra o estrangeiro. E que resultou da resistencia, da nobreza de nossa conducta? Pelo relatorio official que está presente aos peritos da solução do incidente acreano, desfalcaram-nos, nas rendas normaes, em mais de 350.000:000$000.

"Panorama", mensario do pensamento novo do Brasil, em numero recente vem dedicado ao problema da unidade nacional. Revistando-se a nossa chronica, os nossos singulares aspectos physicos e humanos, conclue-se alli, em paginas vibrantes, sentidas, nacionalisantes, que somos uma expressão moral e material integra, firmada já em bases historicas, em tradicções nacionaes, collaborada pelos proprios localismos, assente em "uma vontade ferrea", num sentimento brasileiro, numa força moral e espiritual que nenhuma aventura, louca aventura poderá mais destruir, sem contar logo contra si com as energias assombrosas de uma nação perfeitamente solidarizada nos seus anceios de grandeza e de fraternidade.

Vivemos uma hora de nuvens carregadas, disse de inicio. Em todas as latitudes. Aqui mesmo. Será a hora da America que se avisinha?

Humanistas de 1936, do Collegio D. Bôsco.

Pela primeira vez venho á tribuna falar a humanistas desta casa. E sempre a ignorar a razão da attitude dos moços que me procuram para trazer-lhes uma palavra de animo, de equilibrio, de enthusiasmo á sahida para novos dias de jornada escolar. Sempre a ignorar. Disse um punhado de verdades que me pareceram uteis, necessarias, sinceras, bem nos rythmos de uma ideologia honesta, constructiva. Será uma licção proveitosa? Haverá, no que referi sem rethorica mas com o sentido das realidades, alguma coisa que sirva a vocês, indicando, em meio ás tormentas que nos affligem, senão, remedios, pelo menos encorajamento, civismo, para retemperar?

Tudo quanto affirmei foi servindo ao melhor, ao mais digno dos intuitos. Acreditem-me que não quiz intranquillizar, pregando derrotismo, inflitrando descrença.

No trato com os homens e as idades de hontem, á luz serena da historia, habituei-me a vêr tudo serenamente, nas suas causas mais distantes, nos seus effeitos mais proximos, assistindo a subida vertiginosa, crescimentos quasi inconcebiveis, e a quedas fragorosas, desastres sem par. A minha linguagem é, por isso mesmo, essa linguagem fria, de quem se não sobresalta, bem comprehendendo a

amarga esperança que o mundo vive hoje.

Os moços têm deveras, responsabilidades a cumprir. Estudar; velar pela patria, sentindo com ella os grandes dias que ella vive, as horas tristes, difficeis, que ella attravessa.

Vocês, humanistas de 1936, encerraram um cyclo gymnasial. Vão iniciar outro, que será complemento, para o accesso aos cusos superiores, technicos. Sem elle, sentiriam as tremendas difficuldades que sentiram os que vimos decorrer os nossos periodos lyceaes sob regimens viciosos, que nos deram tanta pobreza cultural!

Com elle terão fundamentos seguros, que permittirão acquisições mais serias, mais perfeitas. Neste Collegio, de Salezianos, de Santos que enobrecem a Igreja e ajudam na construcção do Brasil, vocês aprenderam a ter convicções, a olhar com altivez, dignos dos exemplos a que assistiram. Aprenderam a amar o Brasil. Bem sei que já se apaixonaram, muitos, por ideologias que se propõem defender o que está feito ou o que entendem deve ser feito. Nenhum de vocês, todavia, por esses principios, repudiou o collega, negou-lhe o espirito, as qualidades moraes. E' preciso continuar assim. Sem odios, sem ambições que envergonhem. Amando o Brasil. E tendo em mente que foi á sombra

da democracia que se manteve, que se formou a unidade nacional, o progresso nacional. Os systhemas exoticos, allicerados na força, não serão contra o genio do Brasil?

Não sorriam da advertencia. Não me creiam, tambem, um dos que não acceitam as transformações da natureza politica dos Estados. Ao contrario, bem as entendo e muitas vezes as app'audo. Mas os riscos com essas alterações são sempre tão fataes!

Humanistas de 1936, do Collegio D. Bôsco.

Muito obrigado pelo paranymphado que me concederam.
Muitas venturas na caminhada que vão iniciar.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura